

Da epistemologia ao pragmatismo sociológico: por uma avaliação da produção de conhecimento

Natália Heringer Mendonça¹ 

Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo, França

Resumo

O artigo objetivou estabelecer um diálogo sobre a epistemologia e avaliar como a produção de conhecimento é abordada nas ciências sociais, se aproximando do pragmatismo sociológico a fim de, questionando o racionalismo, contribuir para uma construção do saber mais criativa e inovadora. Nessa revisão bibliográfica, debatemos com autores como Bachelard, Popper, Kuhn, Agambem, Joas e Boltanski. As abordagens tratadas concordam que um conhecimento científico se destina a ser questionado/renovado. Encaram que saberes produzidos por não-especialistas contribuem para a dinâmica de inovação do conhecimento, caso do pragmatismo sociológico europeu, inspirado na escola de Chicago. Conclui-se que o pragmatismo permite desconstruir a hierarquia entre saberes contidos na produção de conhecimento científico e observar que o racionalismo limita esta produção por desconsiderar o corpo e as emoções como constituintes das lógicas sociais. São necessários mais estudos que viabilizem romper, mais amplamente, com os dualismos corpo-mente e razão-emoção, fomentando uma produção científica mais criativa.

Palavras-chave

Construção do Conhecimento. Pragmatismo. Racionalismo.

From epistemology to sociological pragmatism: towards an assessment of knowledge production

Abstract

This article established a dialogue on epistemology and evaluates how knowledge production is apprehended in the social sciences, approaching sociological pragmatism to contribute to a more creative and innovative construction of wisdom by questioning rationalism. This literature review debated with authors such as Bachelard, Popper, Kuhn, Agambem, Joas, and Boltanski. The studies agree that scientific knowledge is meant to be questioned/renewed. They see that wisdom produced by non-specialists contributes to the dynamics of knowledge innovation, which is the European sociological pragmatism case, inspired by the Chicago school. It is concluded that pragmatism makes it possible to deconstruct the hierarchy existing in the production of science and to observe that rationalism limits this production by disregarding the body and emotions as constituents of social logic. More studies are needed to make it possible to break, more broadly, with the dualisms of body-mind and reason-emotion, fostering a more creative scientific production.

Keywords

Construction of Knowledge. Pragmatism. Rationalism.

1 Introdução

A ciência é uma apreensão discursiva sobre aspectos do mundo, da existência, a qual se divide em correntes intelectuais, tradições e metodologias. Nesse campo, a epistemologia é o estudo do conhecimento sob um viés analítico e crítico, isto é, sobre como os saberes reconhecidos como científicos são construídos (TESSER, 1994). Ela nos permite investigar e elucidar pressupostos que, por vezes, definem os rumos de sociedades inteiras. A exemplo disso, temos que toda uma tradição científica se alicerçou no foco dado à razão, à mente e ao sujeito, instituindo o princípio da ação racional, instrumentalizando o corpo e destituindo as emoções do conjunto de elementos constituintes da produção de saberes individuais e coletivos.

Aspecto essencial da ciência que passou a ser desenvolvida na modernidade, a concepção de ação racional remete a filósofos clássicos como Platão e seu dualismo que hierarquiza a mente e o corpo. Nela, a mente é um ente superior que domina tudo que concerne a dimensão corporal. Esse entendimento ganhou como adeptos inúmeros pensadores, entre eles Descartes, um dos intelectuais de maior influência na produção científica da idade moderna. Porém, convencidos de que o saber científico deve ser constantemente provocado, renovado, expandido e que isso requer uma reflexão epistemológica sobre o racionalismo, muitos estudiosos têm cada vez mais questionado essa perspectiva. Nos somamos a estes estudos que questionam o corolário do racionalismo, a partir do qual se constituíram pressupostos científicos que, por vezes, limitam a própria ciência.

Isso posto, o presente trabalho tem o objetivo de estabelecer um diálogo a respeito da epistemologia e, mais especificamente, avaliar como a produção de conhecimento é abordada nas ciências sociais, propondo uma aproximação com o pragmatismo sociológico a fim de, questionando o racionalismo, contribuir para uma construção do saber mais criativa e inovadora. Nesta revisão de literatura, primeiramente, realizamos um debate trazendo alguns autores proeminentes para as discussões epistemológicas, como Bachelard, Popper, Kuhn e Agambem. Apresentamos, em seguida, um panorama geral sobre a fundação das ciências sociais e seus modos de construção de conhecimento, perpassando por Durkheim, Weber e pela Escola de Chicago. Finalmente, trazemos o eixo argumentativo do

pragmatismo sociológico construído com base nos trabalhos do sociólogo alemão Hans Joas, do francês Luc Boltanski e estudiosos com os quais eles discutem.

2 Metodologia

Para esta pesquisa de natureza teórica empregamos uma metodologia qualitativa de caráter exploratório, visto que ela pretendeu se familiarizar com a temática definida nos objetivos. Elegemos esta metodologia uma vez que a abordagem qualitativa:

[...] se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2009, p. 21).

Após a escolha da metodologia qualitativa, seguimos para uma investigação que consistiu em uma revisão bibliográfica. Esta, diferentemente da pesquisa documental, se utiliza de dados anteriormente tratados por outros autores como meio de obtenção de material para seu estudo. O pesquisador parte destas fontes secundárias para realizar as leituras, análises, discussões e interpretações científicas (GIL, 2002).

Desse modo, a referida revisão da literatura já existente foi elaborada a partir de uma seleção de textos que se deu através da busca por artigos científicos e livros que versassem sobre o tema proposto nesta pesquisa. Estes foram coletados na base de dados da Biblioteca Nacional e Universitária de Estrasburgo e do Sistema Universitário de Documentação (SUDOC), acervo digital mantido pela agência bibliográfica do ensino superior da França. Consecutivamente, foram lidos os resumos e/ou sinopses do material obtido e então selecionados os textos mais pertinentes ao nosso objetivo. Em seguida, procedemos à leitura, fichamento, análise e discussão.

3 Resultados e Discussão

A partir da leitura dos textos selecionados, explanaremos a seguir os resultados e discussões em três etapas. Em um primeiro momento, serão

apresentados debates introdutórios que permitem a familiarização com os estudos da epistemologia. A segunda subseção se dedicará à formação das ciências sociais e suas disciplinas enquanto campos de construção de saberes específicos e permitirá iniciar uma avaliação de como esta área contribui para a produção de conhecimento científico. A terceira e última parte abordará o pragmatismo sociológico e seu esforço para desconstruir a hierarquia entre saberes contidos na produção de conhecimento científico, fazendo desta produção um processo possivelmente mais criativo.

3.1 Noções gerais sobre epistemologia

A epistemologia parte do princípio de que o conhecimento e a ciência são inscritos em realidades dinâmicas e, por isso, eles estão em constante processo de reconstrução. Nessa dinâmica, o papel da ciência consiste em questionar aquilo que se apresenta como certeza.

Nesse sentido, Bachelard (1967) refuta a concepção de ciência enquanto um simples acúmulo de saberes, pois isso consistiria em uma ilusão retrospectiva. Ele recorre à Durkheim (2017) em sua noção de que, anteriormente à construção de conhecimento, os seres humanos não estão na ausência de saberes, na ignorância, mas no domínio da opinião. São elas que ocupam o terreno daquilo que sabemos e compartilhamos até o momento em que são invalidadas pela abordagem científica.

Esse processo consiste na ruptura epistemológica, isto é, passamos da opinião ao questionamento e chegamos à ruptura daquilo que era tido como certeza, seguido da construção de novos saberes que se vulgarizam – se tornam generalizados – e serão novamente questionados e levados à ruptura sucessivamente. Desse modo, o conhecimento científico tende sempre a se transformar. No mesmo sentido, Popper (1985) afirma que um enunciado científico é refutável, destinado a ser superado e resta válido até sua ruptura. Assim, a ciência jamais chega a uma verdade absoluta ou definitiva.

Por sua vez, Kuhn (1972) acrescenta que a produção de conhecimento se dá numa oscilação em que há momentos nos quais a ciência avança sem questionamentos e reformulações mais profundas e aqueles em que ela é totalmente abalada e chega a transformações impactantes, consistindo na etapa de

ciência revolucionária. Essa dimensão sequencial revela a formulação de paradigmas científicos. Nestes, os conhecimentos compartilhados funcionariam como um conjunto de valores que uma comunidade científica específica tem em comum.

Contudo, Agambem (2008) sustenta que esta noção de Kuhn seria mais uma ideia de matriz disciplinar do que de um processo paradigmático em si. Em revanche, ele defende que o paradigma seria um conjunto de valores científicos que possuem a função de exemplo, o qual ilustra a maneira de um “fazer” científico suscetível de ser repetido. Assim, o paradigma define uma tradição de pesquisa específica com coerência e normas metodológicas explícitas, sendo capaz de estabelecer uma abordagem particular dentro de uma disciplina que tende a ser superada/atualizada por novos modos de pesquisar dentro da mesma área de estudo. Desse modo, para Agambem, o paradigma se difere dos procedimentos metodológicos da indução (que parte do particular para o universal) e da dedução (que parte do universal para o particular), consistindo em uma terceira abordagem que parte do particular para o particular.

Importa notar que, seja na abordagem paradigmática, seja nos métodos indutivo ou dedutivo, o “fazer” científico é entendido dentro de uma perspectiva de que o conhecimento por ele estabelecido é provisório, é refutável, tende a ser superado. Nessas concepções a respeito da produção do conhecimento, existe a ideia de que a ciência é uma construção constante, ainda que com dinâmicas variáveis entre as disciplinas. Dentre estas, as ciências sociais são uma das áreas que se dedica ao estudo epistemológico.

3.2 A fundação das ciências sociais e seus modos de construção de conhecimento

A epistemologia das ciências sociais consiste no estudo crítico sobre esta área de conhecimento científico. Em comparação com as ciências da natureza, elas surgiram relativamente tarde no contexto das ciências. A fim de diferenciar a sua proposta de estudo do social de outras propostas de domínios científicos diversos, podemos recorrer à delimitação básica entre áreas do saber delineada por Lepenies (1990). Ele defende que existiriam três culturas científicas, quais sejam, a das

ciências da natureza, das artes e das ciências sociais. Elas se diferenciam tanto em relação a seus objetos, quanto aos procedimentos de estudo que utilizam.

As ciências da natureza se fundam na ideia cartesiana de decompor uma realidade complexa em elementos que a constituem – chamada de análise – controlando os parâmetros do experimento, de modo a reproduzi-lo inúmeras vezes a fim de obter explicações que respondam à vontade humana de formular leis universais para compreender a realidade. Ao contrário desse racionalismo e busca de controle e de generalizações despersonalizadas, a cultura artística prioriza a expressão das singularidades, onde emoção, intuição e imaginação são fundamentais. Por sua vez, a cultura das ciências sociais seria próxima, por um lado, da cultura das ciências da natureza por procurar a objetividade e, por outro, da cultura artística uma vez que ela trabalha com as subjetividades (LEPENIES, 1990).

Com efeito, a característica de formular seus objetos sem descartar os sujeitos passou a integrar o processo de formação das ciências sociais. Podemos dizer que, grosso modo, essa área do conhecimento se interessa pelo conjunto de seres humanos e suas organizações. Tendo a sociedade por objeto maior, as ciências sociais vão seguir um percurso histórico que parte das formulações de leis e passa a se orientar na direção das comparações e correlações daquilo que se pode observar na coletividade.

No esforço de introduzir as disciplinas desta área de estudos do social no rol das ciências, ao final do século XIX e início do século XX, seus teóricos tiveram que lidar – e se embater por vezes – com o rigor positivista/racionalista estabelecido pelas ciências da natureza. O francês Émile Durkheim (2017) fundamentou o “fazer” sociológico ao normatizar o método desta disciplina em 1895. Anos depois, o alemão Max Weber (1994) veio a destacar a sociologia na área de estudos da ação racional, hierarquizando os tipos de ação por grau de racionalidade (SCHLUCHTER, 1979), sendo elas: tradicional, afetiva, racional com relação a fins e racional com relação a valores. Essas perspectivas foram adotadas por correntes disciplinares das ciências sociais de modo variado e também contestadas por outras.

Salientamos ainda que uma mesma temática pode ser apreendida por diferentes abordagens das ciências sociais. Na sociologia, por exemplo, o “fazer” científico engloba perspectivas mais individualistas como nas obras de Weber, que

parte da observação da ação do indivíduo para compreender o contexto mais amplo (procedimento indutivo); mais holistas como os estudo de Durkheim, para quem as instituições permitem estruturar as experiências e ordenar as significações coletivas, partindo, portanto, do geral para o individual (procedimento dedutivo); ou paradigmáticas, como proposto por Agambem (2008), que partem da situação particular, se expandem para o geral e retornam para o particular.

Ademais, temos a antropologia que, a princípio, se familiariza com o seu sujeito de estudo através de uma imersão o mais completa possível no campo da pesquisa, conhecida como etnografia. Esta, segundo Peirano (2008), vai além de uma metodologia, consistindo na vivência da própria teoria que existe na realidade estudada, pois “No fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados” (PEIRANO, 2008, p. 3). Constituída de diferentes correntes, a antropologia recebeu uma forte influência da escola de Chicago, que investiga os indivíduos nos acontecimentos do cotidiano e valoriza os conhecimentos comuns, não especializados, produzidos no dia a dia das pessoas.

Esta escola passou a propor, a partir de 1912, pesquisas mais inovadoras para a época, como as de relações raciais, estudos sobre imigrantes e etnografias urbanas (EUFRÁSIO, 2008). Ela também impactou de forma marcante o estudo sociológico pragmatista com ressonância na Alemanha e a sociologia pragmática na França, as quais aglutinamos no termo pragmatismo sociológico. Apresentamos, no quadro abaixo, uma síntese dos principais modelos investigatórios obtidos nesta revisão para, na próxima subseção, destrincharmos o pragmatismo sociológico e vermos como ele nos auxilia no estudo epistemológico das ciências sociais e da inovação de saberes.

Quadro 1. Síntese de modelos investigatórios obtidos.

Corrente	Procedimento	Trajatória do conhecimento e da pesquisa	Linha conceitual
Durkheimiana	Dedutivo	Do geral (sociedade) para o singular (indivíduo)	holismo
Weberiana	Indutivo	Do singular (indivíduo) para o geral (sociedade)	individualismo
Pragmatismo sociológico	Paradigmático	Do singular para o geral e retorna para o singular continuamente	interacionismo

Fonte: elaboração própria.

3.3 Pragmatismo sociológico: (re)construção de saberes nas ciências sociais

O pragmatismo sociológico desenvolvido na Europa tem, em sua trajetória, construído uma maneira específica de observar as sociedades. Sua formação relativamente recente deriva, como dito, da escola de Chicago na medida em que esta a influenciou com o pensamento interacionista. Ao se interessar pelas interações, o pragmatismo volta seu olhar para as práticas da sociedade na realidade em que elas se desenvolvem, marcadas pela complexidade e pluralidade social.

Assim, esta corrente se atenta às ações enquanto elas acontecem, observando os indivíduos no momento de suas interações uns com os outros. Ela se dedica, portanto, a compreender a ação humana, conceito chave da filosofia. Mas contrariamente aos modelos derivados do racionalismo, o pragmatismo considera que a ação humana não se desprende das emoções e da sua relação com os imprevistos, com as incertezas e com as controvérsias.

Neste sentido, o autor alemão Hans Joas (2001) questiona o uso do racionalismo por diversas correntes teóricas que marcam a produção científica ocidental. Basicamente, as teorias da ação racional entendem que o sujeito é aquele que atribui uma intenção a cada ação que ele exerce. Ou seja, agir racionalmente é agir de acordo com a intenção que se formulou antes da ação. Isso consiste em esquematizar o agir humano e o compreendê-lo através de uma lógica de meios e fins: estabelecer uma finalidade, mobilizar os meios e agir para alcançar esse fim. Nessa perspectiva teleológica (que se pauta na finalidade, no objetivo), o agir humano é esquemático e instrumentalista.

Joas (2001) analisa os pontos críticos desse modelo e critica as teorias que se fundam na ação racional. O autor considera esse eixo teórico como utilitarista e normativista uma vez que ele se funda em três pressupostos questionáveis, os quais abordaremos nos próximos parágrafos, à saber: a ideia de que (1) o sujeito age sempre conforme uma intenção, uma finalidade, (2) tendo total controle sobre seu corpo e (3) sendo completamente independente dos outros humanos e do ambiente externo.

A primeira crítica às teorias da ação racional é o fato de se assumir que o sujeito seria sempre capaz de atribuir uma intenção a cada uma de suas ações.

Joas (2001) salienta que Derwey (1939; 1990) questiona este pressuposto argumentando que os fins não determinam os meios, pois os sujeitos elegem os seus fins dependendo dos meios que lhe são acessíveis, de forma que os meios se multiplicam ao se atingir cada finalidade e isto mostra ao sujeito outros fins dos quais ele não se dava conta e que pode passar a os almejar. Logo, o que existe entre meios e fins é mais uma relação de reciprocidade que de dominância. Simmel (1918) acrescenta que o que caracteriza o sujeito e sua liberdade é justamente a sua aptidão para não se subordinar a qualquer finalidade. Heidegger (1986), ainda, sustenta que a vida do sujeito é um grande elenco de categorias que vai muito além de um mero encadeamento contínuo de fins e meios (JOAS, 2001).

A segunda pressuposição contida no eixo teórico da ação racional e criticada por Joas (2001) é a noção de que o sujeito teria um controle pleno do seu corpo. Nela, a relação do sujeito com o seu corpo é implícita e o denota como um simples instrumento para se atingir finalidades. O corpo aparece sempre subordinado às intencionalidades do sujeito, como o meio que as materializa. A este respeito, destacam-se os esforços de Elias (1973) e de Foucault (1976) de analisar a construção histórica e social dos meios de subordinação do corpo às finalidades da mente, os quais culminaram em sociedades do controle e da disciplina.

Entretanto, Joas (2001) contrapõe que, nestes trabalhos, se a ideia de corpos controlados e disciplinados revela o triunfo da ação racional e da razão como valor por um lado, por outro, reforça a noção de que o corpo não passa de um conjunto de matéria subordinado ao sujeito, não fugindo, portanto, da sua instrumentalização. Em contraste, Joas lembra que inúmeras são as situações em que o corpo se emancipa da razão. É o que ressalta tanto Merleau-Ponty (1945), ao explorar o momento em que o sono vence a mente que luta contra o deixar-se dormir, quanto Plessner (1950), ao enfatizar que há a circunstâncias em que nos desprendemos rapidamente da razão e rompemos em riso ou em choro (JOAS, 2001).

O terceiro e último ponto da concepção de ação racional a ser questionado é a ideia de que o sujeito é alguém que independe dos outros sujeitos e do ambiente que o cerca. Esse indivíduo que se guia por suas finalidades tendo seu corpo sob o próprio controle é um ser idealizado como extremamente autônomo, noção que é a base das teorias individualistas. Em contraposição, Joas (2001) aponta que a

capacidade de agir é algo que resulta da dinâmica entre o eu, o sujeito e a coletividade e que as fronteiras entre esses entes são fluidas e se redefinem em cada instante.

Ele destaca que Nietzsche (1977) enxerga, nesse âmbito, uma oposição entre a identidade individual e a possibilidade criativa, enxergando, na busca intensa do sujeito pela criatividade, uma libertação das determinações individuais. Já Durkheim (1968) identifica a fragilidade da autonomia do sujeito em relação ao coletivo e ao meio quando aborda a vida religiosa e mostra que a formação identitária se liga à afetividade que vincula o sujeito a pessoas, valores e princípios compartilhados que lhe dão coerência. Assim, o sujeito não é menos racional ao agir por finalidades que não foram formuladas por ele. Em vez disso, o pensamento coletivo é elemento constituidor da racionalidade individual (JOAS, 2001).

Desse modo, Joas (2001) nos mostra que muitas são as formas de se compreender o agir humano fora do corolário do racionalismo. Infere-se que, para o autor, a faculdade humana de agir emerge da dinâmica de interpretações que ocorrem dentro do sujeito, no seu meio e na interação com outros sujeitos. Em face a situações cotidianas imprevisíveis, o sujeito reconstrói a si e as suas (re)significações constantemente. Com efeito, a criatividade está no convívio com o imprevisível, no ato de se reajustar e se reconstituir cotidianamente, aprendendo e produzindo, simultaneamente, saberes a cada experiência vivida.

Tal perspectiva engloba uma dinâmica muito mais ampla que o esquema de fins e meios contido no eixo teórico da ação racional e resulta num modo de compreender o processo de construção do conhecimento de modo mais expansivo. Ou seja, uma vez que a ação humana não é um encadeamento frio e esquemáticos de atos lógicos, mas é constituída, ao contrário, do sensorial, de sentimentos, emoções, criatividade face aos imprevistos gerados pelo cotidiano, pelo mundo que nos circunda, pelas relações de interdependência, todos esses elementos informam o sujeito enquanto ele formula o conhecimento.

Este é um processo cotidiano e interativo de tecitura de saberes. Por isso, compreender o sujeito em seu ambiente e nas suas relações é fundamental para o pragmatismo sociológico. Nesse âmbito, um dos principais autores da sociologia pragmática francesa, Boltanski, também se baseou na ruptura epistemológica da

Escola de Chicago para realizar suas pesquisas. Tal ruptura tem como princípios a simetria e o pluralismo. Como mencionado de modo mais simples anteriormente, a simetria consiste em não opor e não hierarquizar o conhecimento científico e o conhecimento ordinário – saberes não especializados, comuns, do cotidiano das pessoas e, às vezes, de grupos específicos –, pois não existe uma descontinuidade entre eles. O pluralismo, por sua vez, refere-se à diversidade do mundo comum, constituído de uma pluralidade de ordens de valores, normas e princípios de justiça que coexistem e se tensionam entre si.

Se os conhecimentos são simétricos e plurais, o que vai tornar determinados saberes e maneiras de justificar as ações mais conhecidos – e por vezes mais legitimados – do que outros é, ao contrário do entendimento racionalista, a capacidade de se generalizar este saber, de torná-lo um argumento compartilhado por mais pessoas até que ele se torne de conhecimento geral e público (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). Isso não quer dizer que este conhecimento seja mais racional, mas que as circunstâncias em que ele se propagou fez mais sentido para mais sujeitos e o permitiu se impregnar mais, se capilarizar de forma mais abrangente, até que este conhecimento ordinário se tornasse um conhecimento público.

Boltanski, em parceria com Thévenot (1991), percebe esse processo de propagação como sendo uma “subida em generalidade”, que ocorre quando um conhecimento, um argumento, particular se torna generalizado. Eles entendem o conhecimento assim obtido como um valor, um saber que os sujeitos partilham no modo de justificar suas ações e de dar sentido a elas – lembremos que Kuhn (1972) já concebia o conhecimento como valores compartilhados por uma comunidade. Assim, os autores propõem a noção de justificação, na qual, também diferentemente da teoria da ação racional, justificar é um ato em que o sujeito explica o seu agir com argumentos generalizados, argumentos que “subiram” do particular para a generalidade.

Isso entra em jogo quando há situações de controvérsia, tendo em vista a pluralidade de ordens de justificação que coexistem. Ocorre então um movimento em que problemas singulares se tornam públicos e visões distintas sobre eles disputam para ser o argumento mais impregnante, mais generalizado. Dessa

maneira, atores sociais diferentes vão mobilizar valores de ordens de justificação diversos entre si, disputar e negociar o entendimento sobre um tema público (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Essa dinâmica em que os saberes, as formas de justificação, se movem do singular para o geral e formam os valores e pautas coletivas não é, portanto, algo puramente racional, mas entremeado de sentimentos e emoções. Nesse sentido, Quéré (2012) sustenta que um problema que motiva a formulação e transformação de valores precisa ser primeiramente sentido para depois ser anunciado. Há vários sentimentos em jogo. Desse modo, o processo de formação de valores e conhecimentos que se tornam coletivos se dá pela interação das dimensões tanto racional quanto emocional.

Podemos então dizer que, ainda que haja diferenças entre seus autores mais proeminentes, uma abordagem sociológica pragmática observa a dinâmica de formação destes valores que vão estabelecer argumentos e conhecimentos generalizados a partir das esferas racional, emocional e social. Em Joas, a construção de saberes aparece sob o prisma da criatividade que é exercida cotidianamente pelos indivíduos face a sua condição de dependência de outros seres e do ambiente, à incapacidade de prever todos os seus atos ou os alheios e de controlar totalmente o corpo. Em Boltanski, a produção do conhecimento se dá por meio do processo dinâmico em que a tensão de ideias postas por ordens de justificação que coexistem e se tensionam faz com que saberes particulares passem à generalização diante das controvérsias. Para ambos, é na ação dos indivíduos em interação com o coletivo que se pode apreender a construção de paradigmas, de saberes ordinários e científicos refutáveis que tendem sempre a serem ultrapassados e renovados. O Conhecimento é dinâmico, um processo criativo e inovador não hierárquico.

4 Considerações finais

Evocando o objetivo de estabelecer um diálogo epistemológico para avaliar como a produção de conhecimento abordada nas ciências sociais pode contribuir para uma construção do saber mais criativa e inovadora, assinalamos que existem diversos intelectuais que se dedicaram ao estudo analítico e crítico sobre como a

ciência é produzida e trouxemos debates estabelecidos por alguns deles. Perpassamos pelas apreensões dedutiva, indutiva e paradigmática, entendendo que a primeira é um procedimento investigativo que parte do universal para o particular, enquanto a segunda sai inversamente do particular para o universal e que a terceira vai do particular ao particular. Demonstrou-se, assim, que as maneiras de se fazer ciência são variadas e que a diversidade está na essência deste ofício.

As abordagens e autores tratados concordam que um conhecimento científico se destina a ser ultrapassado e renovado. Algumas correntes encaram que não apenas os saberes produzidos por especialistas, mas também aqueles produzidos pelas pessoas comuns, contribuem para essa dinâmica de inovação do conhecimento. É o caso da escola de Chicago e do pragmatismo sociológico europeu que nela se inspira, os quais têm na ruptura epistemológica a concepção de que existe uma continuidade entre os saberes ordinários e científicos.

Conclui-se que o referido pragmatismo sociológico não apenas nos fornece meios de desconstruir a hierarquia entre saberes contidos na produção de conhecimento científico, como permite ainda observar que o racionalismo impõe limites a esta produção por desconsiderar o corpo e as emoções como informantes e constituintes do saber, das lógicas sociais que estão em constante transformação. Sugerimos, seguindo a noção de Csordas (2008) de que o corpo é sujeito da cultura, que as emoções e o corpo sejam compreendidos como mais do que objetos da cultura científica, mas como elementos que a coproduzem de modo ativo. Portanto, são necessários mais estudos que viabilizem ir além da ruptura epistemológica com a dicotomia do saber ordinário-científico para romper, de forma mais ampla, com os dualismos corpo-mente e razão-emoção a fim de se obter uma produção científica mais criativa.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Signatura rerum: sur la méthode**. Paris: Vrin, 2008.

BACHELARD, Gaston. **La Formation de l'esprit scientifique**. Paris: Vrin, 1967.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **De la justification: Les économies de la grandeur**. Paris: Gallimard, 1991.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/ Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DEWEY, John. **Theory of Valuation**. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

DEWEY, John. **Démocratie et éducation**. Paris: Armand Colin, 1990.

DURKHEIM, Émile. **Les Formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: PUF, 1968.

DURKHEIM, Émile. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: Flammarion, 2017.

ELIAS, Norbert. **La civilisation des mœurs**. Paris: Calmann-Lévy, 1973.

EUFRASIO, Mário. **A Escola de Chicago de Sociologia: perfil e atualidade**. In: **33º Encontro do CERU/USP**, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo: USP, 2008, p. 13-27.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**. Paris: Gallimard, 1976.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Être et temps**. Paris : Gallimard, 1986.

JOAS, Hans. La créativité de l'agir. In: BAUDOIN, J.M. **Théories de l'action et éducation**. Louvain-la-Neuve: De Boeck Supérieur, 2001. p. 27-43.

KUHN, Thomas. **La structure de la révolution scientifique**. Paris : Flammarion, 1972.

LEPENIES, Wolf. **Les trois cultures: entre science et littérature, l'avènement de la sociologie**. Paris: Les Editions de la MSH, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **La Naissance de la tragédie enfantée par l'esprit de la musique**. Paris: Gallimard, 1977.

PLESSNER, Helmuth. **Lachen und weinen**. Lehnen, 1950..

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, n. 2, p.1-11, 2008.

POPPER Karl. **Conjectures et réfutations**: La Croissances du savoir scientifique. Paris: Payot, 1985.

QUÉRÉ, Louis. **Le travail des émotions dans l'expérience publique**: marées vertes en Bretagne. Raisons pratiques, p. 135-162, 2012.

SIMMEL, Georg. **Lebensanschauung**: Vier metaphysische Kapitel. München: Duncker et Humblot, 1918.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar em revista**, Curitiba, n. 10, p. 91-98, 1994.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

Natália Heringer Mendonça, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6280-6980>

Mestra em Ciências Sociais e Ética pela Universidade de Estrasburgo-FR, graduada em Ciências Sociais (habilitação em Antropologia) pela Universidade de Brasília-UnB, atua remotamente em juizado de violência doméstica do TJDF.

Contribuição de autoria: delineamento da pesquisa, aplicação metodológica, análise, discussão e escrita integral do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2305342991805834>

E-mail: heringer.natalia@gmail.com

Como citar este artigo (ABNT):

MENDONÇA, N. H. Da epistemologia ao pragmatismo sociológico: por uma avaliação da produção de conhecimento: hacia una evaluación de la producción de conocimiento. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 3, n. 3, p. e022018, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51281/impa.e022018>

Recebido em 12 de outubro de 2022

Aprovado em 24 de abril de 2023

Publicado em 13 de maio de 2023